



WILDER DALA QUINJANGO
Superando desafios, inspirando mentes
com paixão e propósito



CEU INACIO MONTEIRO

Cuidando da segurança e do bem-estar da comunidade



Coordenaram esta edição: Manuel Francisco Neto / Maria Mbuanda Caneca Gunza Francisco / Vilma Maria da Silva

<https://primeiraevolucao.com.br>



<https://doi.org/10.52078/issn2675-2573.rpe.60>

Editor Responsável: Antônio Raimundo Pereira Medrado
Editor correspondente (ANGOLA): Manuel Francisco Neto

Coordenação editorial:

Ana Paula de Lima
Andreia Fernandes de Souza
Antônio Raimundo Pereira Medrado
Isac dos Santos Pereira
José Wilton dos Santos
Vilma Maria da Silva

Coordenação editorial (Angola):

Manuel Francisco Neto
Maria Mbuanda Caneca Gunza Francisco

Com. de Avaliação e Leitura:

Prof. Dr. Adeílson Batista Lins
Prof. Me. Alexandre Passos Bitencourt
Profa. Esp. Ana Paula de Lima
Profa. Dra. Andreia Fernandes de Souza
Profa. Bianca de Assis Pirahy
Profa. Dra. Denise Mak
Prof. Me. Edson da Conceição Graça (Angola)
Prof. Me. Isac dos Santos Pereira
Prof. Dr. Manuel Francisco Neto (Angola)
Profa. Ma. Maria Mbuanda Caneca Gunza Francisco (Angola)
Profa. Esp. Mirella Clerici Loayza
Prof. Me. Tavares dos Santos Muhongo (Angola)
Profa. Dra. Thais Thomaz Bovo
Prof. Me. Wilder Dala Quinjangó (Angola)

Bibliotecária:

Patrícia Martins da Silva Rede

Colunistas:

Prof. Dr. Adeílson Batista Lins
Profa. Bianca de Assis Pirahy
Prof. Dr. Isac Chateaneuf
Jornalista João Domingos Terin (William Terin)
Profa. Ma. Cleia Teixeira da Silva
Prof. Me. José Wilton dos Santos
Profa. Esp. Mirella Clerici Loayza

Web-edição:

T.I Lee Anthony Medrado

Contatos

Tel. 55(11) 99543-5703
Whatsapp: 55(11) 99543-5703
primeiraevolucao@gmail.com (S. Paulo)
netomanuefrancisco@gmail.com (Luanda)
<https://primeiraevolucao.com.br>

Imagens, fotos, vetores etc:

<https://publicdomainvectors.org/>
<https://pixabay.com>
<https://www.pngwing.com>
<https://br.freepik.com>

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Revista Primeira Evolução [recurso eletrônico] / [Editor] Antonio Raimundo Pereira Medrado. – ano 6, n. 60 (ago. 2025). – São Paulo : Edições Livro Alternativo, 2025. 338 p. : il. color

Bibliografia

Publicação contínua desde 2020.

Bimestral

e-ISSN 2675-2573

Disponível apenas online.

Modo de acesso: <https://primeiraevolucao.com.br>

DOI: <https://doi.org/10.52078/issn2673-2573.rpe.60>

1. Educação – Periódicos. 2. Pedagogia – Periódicos. I. Medrado, Antonio Raimundo Pereira, editor. II. Título.

CDD 22. ed. 370.5

Patrícia Martins da Silva Rede – Bibliotecária – CRB-8/5877

Em parceria com:



São Paulo | 2025

Publicada no Brasil por:

Livro Alternativo
www.livroalternativo.com.br
CNPJ: 28.657.494/0001-09

05 EDITORIAL

José Wilton dos Santos

06 Catalog'Art; Naveg'Ações de Estudantes

Isac Chateaneuf

08 Ciência, Tecnologia & Sociedade

Adeilson Batista Lins

10 O QUE VEM AÍ? "DIREITO E SOCIEDADE"

Mirella Clerici

11 POIESIS

14 PLANO DE PROTEÇÃO E GUARDA

CEU INÁCIO MONTEIRO

46 RELATO DE CASO

INTERVENÇÕES DO COORDENADOR PEDAGÓGICO COMO ARTICULADOR NA CONSTRUÇÃO DE UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Daniela dos Santos Magalhães

12 DESTAQUE

WILDER DALA QUINJANGO

ARTIGOS

1. EDUCAÇÃO EM TEMPO INTEGRAL - ANA MARIA DAINAUSKAS SOARES	52
2. POTENCIALIZANDO O ENSINO-APRENDIZAGEM ATRAVÉS DA CRIATIVIDADE - ANGÉLICA RODRIGUES VALENTIN	60
3. GESTÃO ESTRATÉGICA E SEU IMPACTO ORGANIZACIONAL. ESTUDO DE CASO NA EDIÇÕES NOVEMBRO, EMPRESA PÚBLICA 2023 - ANGELINA DE FÁTIMA CHITUNDO ESTÉVÃO YOPILO	70
4. ENTRE SABORES E SABERES: A EDUCAÇÃO ALIMENTAR E NUTRICIONAL NA FORMAÇÃO INFANTIL - AUREA CARVALHO DE SOUZA	77
5. A COMUNICAÇÃO COMO FERRAMENTA PARA O ALCANCE DOS OBJETIVOS ORGANIZACIONAIS EM ANGOLA - DANIEL PEDRO JOSÉ	82
6. ESTUDO DE CASO NA DIREÇÃO MUNICIPAL DA EDUCAÇÃO DE BELAS, ANGOLA - DOMINGOS ELIAS SACHICO	86
7. UMA ABORDAGEM PRELIMINAR NA EMPRESA SIABONGA COMERCIAL, LDA NO I SEMESTRES DE 2024 - DOMINGOS FERNANDO CASSUENDE LUCUNDE	93
8. O ENSINO SUPERIOR EM ANGOLA: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA - DORIVALDO DA GRAÇA GUEDES TAVARES / EDMILSON DOS PRAZERES DA SILVA	97
9. ESTUDO DE CASO EMPRESA ISABELINHA COMERCIAL 2023 A 2024 - EDSON MARIA SEBASTIÃO JORGE	106
10. A VALORIZAÇÃO DA CULTURA INDÍGENA NA EDUCAÇÃO INFANTIL - ELISETE VICENTE DA SILVA OLIVEIRA	114
11. COMUNICAÇÃO INTERNA: FACTORES QUE INFLUENCIAM A COMUNICAÇÃO INTERNA NAS ORGANIZAÇÕES - ESTEVÃO QUIXINA CASSULE	133
12. ESTRATÉGIAS DE PREVENÇÃO DOS ACIDENTES DE TRABALHO: "CASO DA EMPRESA WILVIMAR COMERCIAL, LDA 2021-2022" - EUNICE MUANSA MUESHI	139
13. O MARKTING DE RELACIONAMENTO NAS ORGANIZAÇÕES COMO FACTOR DE QUALIDADE NO ATENDIMENTO - FELICIANA DA CRUZ VICENTE MANUEL	146
14. IMPORTÂNCIA DA GESTÃO FINANCEIRA NAS ORGANIZAÇÕES CASO EMPRESA INTERSACHI, LDA-ANGOLA - FERNANDO SANJI	154
15. AVALIAÇÃO CRITERIAL EM ANGOLA: UMA ANÁLISE DAS FASES EXPERIMENTAIS DOS EXAMES NACIONAIS - FORTUNA NETO FIGUEIREDO VITANGUI	158
16. A AFETIVIDADE NAS RELAÇÕES EDUCACIONAIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL - GIRLENE NASCIMENTO DA SILVA MANTOVANI	169
17. ESTRATÉGIAS DE MEDIAÇÃO ORAL DO PROFESSOR PARA FOMENTAR O PENSAMENTO CRÍTICO E A PARTICIPAÇÃO ESTUDANTIL - INGRID DA SILVA CAVALCANTE DE PAULA	176
18. O ENSINO DA LÍNGUA INGLESA COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA: QUEBRANDO ROTINA DO ENSINO TEÓRICO - JOAQUIM PEREIRA BRAVO	182
19. OS DESAFIOS DO MARKETING DIGITAL NO CONTEXTO ONLINE: A SEGMENTAÇÃO DE MERCADO DAS MPMES EM MALANJE EM 2025 - JOSÉ CAMPOS KIFUBA	192
20. BIOFILIA DENTRO DO CONTEXTO ESCOLAR: COMO FAZER? - JULIANA DA SILVA OLIVEIRA	204
21. EDUCAÇÃO INFANTIL INCLUSIVA: O QUE DIZEM AS ESCOLAS PÚBLICAS? - LUZINETE BISPO DOS SANTOS	213
22. IMPACTO DA AVALIAÇÃO DE DESEMPENHO NO COMPLEXO ESCOLAR SANTO ANTÓNIO NO MUNICÍPIO DE MAQUELA DOZOMBO, PROVÍNCIA DO UÍGE - MANUEL ESTEVES MUTALO COA	222
23. ESTUDO COMPARATIVO DA GESTÃO ESTRATÉGICA DA CADEIA DE VALOR DA REFRIANGO, LDA E DA COCA-COLA BOTTLING 2018-2020 - MANUEL LIGAS ANTÓNIO	229
24. ARTE E A MUSICALIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: CONTRIBUIÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO - MARCELO SANTOS DE MASCARENHAS	234
25. A LITERATURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: SOBRE OLHARES DE GRANDES AUTORES - MARIA APARECIDA ARMANDILHA NUNES	241
26. APLICAÇÃO ESTRATÉGICA DO BALANCED SCORECARD NAS INSTITUIÇÕES BANCÁRIAS ANGOLANAS.CASO: BANCO DE POUPANÇA E CRÉDITO BPC (2020 - 2022) - MARIA MVÚ ANDRÉ DONDO	247
27. TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NO AMBIENTE ESCOLAR - MARIANGELA DE JESUS CHAGAS	251
28. ÉTICA SILENCIADA: FRAGILIDADES DA FISCALIZAÇÃO DISCIPLINAR NA OAB E PROPOSTAS DE REFORMA - MIRELLA CLERICI	258
29. ESTUDO SOBRE FUNDOS DE INVESTIMENTO IMOBILIÁRIO EM ANGOLA - NELITO ANTÓNIO	265
30. GERAÇÃO CONECTADA, INFÂNCIA EM RISCO: PERIGOS E CUIDADOS NA INTERNET SOB A PERSPECTIVA DE JONATHAN HAIDT - PATRÍCIA MENDES CAVALCANTE DE SOUZA	272
31. A EDUCAÇÃO ESPECIAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL:DESAFIOS E AVANÇOS NA INCLUSÃO - SILVIA HARUE YOGUI	280
32. FRACASSO ESCOLAR E DESIGUALDADES SOCIAIS: O QUE DIRIA PAULO FREIRE E DERMEVAL SAVIANI? - SOLANGE APARECIDA SILVA	287
33. DO CUIDAR AO EDUCAR: CONSTRUINDO AUTONOMIA E IDENTIDADE NA INFÂNCIA - SUELLEN VIDAL ARAÚJO DA SILVA	293
34. GRÊMIOS ESTUDANTIS: HISTÓRICO,LEGISLAÇÃO E FUNÇÃO PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA - SYLAS IVAN RIZZO TUDECH	300
35. TERRITÓRIOS EDUCATIVOS E EDUCAÇÃO INTEGRAL: ARTICULAÇÕES ENTRE ESCOLA, COMUNIDADE E POLÍTICA PÚBLICA NA CIDADE DE SÃO PAULO - TÂNIA MARIA PEREIRA CASTRO	306
36. O PAPEL DAS PRÁTICAS SOCIAIS NA FORMAÇÃO DA IDENTIDADE E AUTONOMIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL - THAIS MARANHÃO PEREIRA RODRIGUES	312
37. A IMPORTÂNCIA DO BILINGUISMO NA EDUCAÇÃO - VANESSA FERNANDES LEANDRO DE ASSUNÇÃO	322
38. EDUCAÇÃO FEMINISTA: MOVIMENTO SOCIAL ARTICULADO COM A EDUCAÇÃO - VIVIANE MARCIA SANTOS DE MASCARENHAS	328

**ESTA REVISTA É MANTIDA E FINANCIADA POR PROFESSORAS E PROFESSORES.
SUA DISTRIBUIÇÃO É, E SEMPRE SERÁ, LIVRE E GRATUITA.**

A **REVISTA PRIMEIRA EVOLUÇÃO** é um projeto editorial idealizado pela **Edições Livro Alternativo** com o objetivo de **empoderar e inspirar educadores** na jornada de compartilhar suas pesquisas, estudos, experiências e relatos de vivências.

UM CORPO EDITORIAL DE EXCELÊNCIA:

Nossa equipe conta com especialistas, mestres e doutores(as), todos com vasta experiência na rede pública de ensino, além de profissionais experientes nas áreas do livro e da tecnologia da informação. Essa expertise garante a qualidade e o rigor científico das publicações da revista.

INDEPENDÊNCIA E AUTONOMIA:

Um dos nossos diferenciais é a total independência, viabilizada pelo **financiamento colaborativo de professores e professoras**. Essa autonomia nos permite defender a liberdade de expressão e a diversidade de ideias, priorizando a qualidade dos conteúdos e o impacto positivo na educação.

PROPÓSITOS QUE IMPULSIONAM A TRANSFORMAÇÃO:

- **Promover o debate** crítico e reflexivo sobre os diversos aspectos da educação, com base nas vivências, pesquisas, estudos e experiências dos profissionais da área;
- **Proporcionar a publicação** de livros, artigos e ensaios que contribuam para o aprimoramento da educação e o desenvolvimento profissional dos educadores;
- **Apoiar a publicação** de obras de autores independentes, democratizando o acesso à informação e promovendo a diversidade de vozes;
- **Incentivar o uso de softwares livres** na produção de materiais didáticos e na difusão do conhecimento, promovendo a inclusão digital e a redução de custos;
- **Fomentar a produção de livros** por professores e autores independentes, reconhecendo e valorizando a experiência e o saber dos profissionais da educação;

PRINCÍPIOS QUE GUIAM A NOSSA ATUAÇÃO:

- **Priorizar trabalhos voltados para a educação**, cultura e produções independentes, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa e democrática;
- **Utilizar exclusivamente softwares livres** na produção de livros, revistas e materiais de divulgação, promovendo a transparência, a colaboração e a acessibilidade;
- **Incentivar a produção de obras coletivas** por profissionais da educação, fomentando a colaboração e o compartilhamento de conhecimentos;
- **Publicar e divulgar livros de professores** e autores independentes, valorizando a diversidade de vozes e perspectivas na educação;
- **Respeitar a liberdade e autonomia** dos autores, garantindo a originalidade e a autenticidade das obras publicadas;
- **Combater o despotismo, o preconceito e a superstição**, defendendo os valores da democracia, da tolerância e do respeito à diversidade;
- **Promover a diversidade e a inclusão**, valorizando as diferentes culturas, identidades e experiências presentes na comunidade educacional.

A **REVISTA PRIMEIRA EVOLUÇÃO** é mais do que uma revista, é um movimento pela transformação da educação, um espaço para a colaboração, o aprendizado e a inovação.

Junte-se a nós e faça parte da construção de um futuro mais promissor para a educação!

INSTITUIÇÕES PARCEIRAS



Indexadores: _____



Filiada à:



Produzida exclusivamente com utilização de softwares livres



O ENSINO DA LÍNGUA INGLESA COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA: QUEBRANDO ROTINA DO ENSINO TEÓRICO

JOAQUIM PEREIRA BRAVO¹

RESUMO: O processo de ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras, em particular, a língua inglesa, tem como um dos objetivos dotar aquele que aprende, de conhecimentos de base que fazem com que o mesmo possa interagir com seus colegas e outros falantes, de forma natural. E, em nosso contexto, compreende-se que este ensino nos dias atuais é bastante criticado, sobretudo, por alunos/estudantes do ensino médio como também do ensino superior que desejam aprender cada vez mais, porém não vêm metodologias de ensino inovadoras e atrativas por parte de muitos profissionais na área, infelizmente; Neste sentido, o desenvolvimento deste artigo vem com o propósito: trazer uma nova abordagem sobre a prática de ensino deste instrumento enquanto língua estrangeira: inovadora e criativa por parte de quem ensina; Partindo da abordagem aqui defendida, para incentivar o seu interesse e sua aprendizagem, as atividades práticas como feiras escolares são muito sugestivas para despertar os alunos, que de alguma forma impulsiona positivamente o próprio processo. As atividades e dinâmicas sugeridas ajudam e muito no desenvolvimento de habilidades e competências básicas de comunicação, fundamentalmente, oral mas também a nível da escrita, interpretação entre alunos. Baseando-se de uma pesquisa qualitativa, o desenvolvimento deste foi possível, tendo em conta, a revisão bibliográfica realizada. Importa referir que, há unanimidade na linha de pensamentos de vários autores consultados, sendo notória a importância que dão no ensino mais prático da língua inglesa e que, portanto, deve ser promovido e incentivado pelo professor, em suas aulas.

Palavras-chave: Língua Inglesa; Abordagem inovadora e criativa de ensino; Práticas orais de língua inglesa.

INTRODUÇÃO

Nos dias atuais, falar uma língua diferente da predominante é um orgulho e serve para elevar a autoestima de muita gente e, sobretudo, de forma muito particular, para qualquer aluno/estudante em sua instituição de ensino. Porém, não tem sido uma tarefa fácil a sua aprendizagem e, por conta de diversos fatores que podem estar na base-teoria sem prática, uso de metodologias passivas, pouco

tempo letivo (durante a semana) e muitos alunos por turmas, sem esquecer do pouco empenho e dedicação aplicada no processo, por parte dos próprios alunos, só para citar.

Este último destacado-empenho e dedicação dos alunos, importa referir que, talvez, um outro factor que influencia negativamente, na aprendizagem da língua, é o facto de, não se trabalhar, desde cedo e seriamente no ensino de línguas (em particular -

1 Professor do Ministério da Educação, lecionando as disciplinas de Língua Inglesa; Teorias da Educação e Desenvolvimento Curricular e Práticas Pedagógicas. Mestre em Intervenção Psicológica no Desenvolvimento e na Educação pela UNIATLÂNTICO, ESPANHA, FUNIBER; Licenciado em Ciências da Educação - Educação Primária, pela Escola Superior Pedagógica do Bié, Angola.

Orcid: <https://orcid.org/0009-0007-9536-4382>

inglês), a partir das classes iniciais – daí que os alunos sobretudo do ensino médio em diante, não conseguem dar sequência das aprendizagens que teriam iniciadas lá na base.

Partindo da ideia de que, a criança assimila os conhecimentos com muita facilidade a partir da base, é fundamental a implementação do ensino de línguas-desde as locais às estrangeiras, no ensino geral, quer nas escolas públicas, quer nas privadas.

O ensino da língua inglesa como língua estrangeira é bastante criticado por muitos daqueles que desejam aprender (alunos/estudantes). Na base dessas críticas, uma das primeiras coisas que “mais vem à tona” é com relação às metodologias aplicadas por muitos profissionais na área – muito teóricas e que não despertam o interesse de quem vai aprender e, maior parte das vezes não facilitam o processo de aprendizagem por parte dos alunos.

Também se pode afirmar e concordando com Andrade et al (2016), que, é possível notar que os alunos apresentam certa dificuldade nas aulas de Língua Estrangeira, tanto na leitura quanto na escrita, pelo facto de não conhecerem o significado das palavras e não conseguirem a aquisição do vocabulário. Com o exposto, é notável que, muitos profissionais defendem mais o ensino gramatical (regras) do que outros elementos fundamentais que facilitem a prática da própria comunicação por parte dos alunos. Realçar que com o exposto, não se pretende (nem se deve) desvalorizar o ensino das regras gramaticais.

As críticas aqui abordadas vêm de alunos/estudantes de várias escolas de nível médio e também de instituições de ensino superior, que muitas vezes solicitaram e ainda continuam a solicitar serviços de “explicação” de conteúdos de língua inglesa.

Neste sentido, este artigo vem com o propósito – trazer uma nova abordagem sobre a prática de ensino da língua inglesa enquanto língua estrangeira: inovadora e criativa por parte de quem ensina.

Importa apresentar que para essa nova abordagem aqui trazida, deve se ter em conta e diferenciando no processo de ensino-aprendizagem, o destacado por Libâneo (2013, 2014) - a pedagogia tradicional que é aquela centrada na figura expositiva do professor; - a pedagogia renovada, aquela centrada na postura ativa e experiencial dos estudantes; e - a pedagogia tecnicista, baseada na suposta eficiência de atividades planejadas e que levam a comportamentos previsíveis dos sujeitos (Fonseca e Hesse, 2021). Acredita-se que, se se tiver isto em conta, estaremos a marcar um passo à frente para melhorar o contexto atual.

Dizer que, as experiências académicas (desde o ensino básico de formação ao ensino superior) e profissionais – enquanto professor de língua inglesa (desde centros de formação profissional; ONG e, atualmente, com alunos do segundo ciclo; foram fundamentais e motivadoras para a elaboração do presente artigo.

E só para destacar (alguns), sem desmerecer os demais, este, conta com contributos interessantes e valiosos de trabalhos de Alódio et al (2020); Alves e Santos (2021); Cesário et al (2020); Duarte (2020); Fonseca e Hesse (2021); Oliveira (2024); Paiva (2020); Pantoja et al (2024); Pontes e Ribeiro (2022); Rodrigues (2022); Rossi et al (2024).

SUPORTE TEÓRICO DO ARTIGO

Oliveira (2024), apresenta que, uma língua é, antes de tudo, um instrumento de comunicação e interação. A autora defende que, o ensino de uma língua estrangeira não deve apenas incidir no conhecimento do vocabulário e das regras gramaticais, mas também integrar o desenvolvimento de competências comunicativas desde os primeiros níveis de aprendizagem.

O ensino da língua inglesa como língua estrangeira para o aluno deve ser contextualizado e sobretudo, com ênfase da sua prática no seu dia-a-dia. De acordo com Rodrigues (2022), ...o conhecimento das línguas

estrangeiras serve de instrumento de acesso a outras culturas e outros grupos sociais, além de determinar que a língua – tanto na modalidade oral quanto na escrita – seja compreendida como prática social cujo ponto de estudo inicial seja o texto. Apesar que, para o autor, essa definição não restringe o texto apenas à perspectiva discursiva, mas incentiva também a prática da leitura e do desenvolvimento de estratégias de compreensão auditiva, oralidade, leitura e escrita.

Para (Schewtschik, 2017; Santos; Ferreira, 2018, e Alves, 2020), nas palavras de Alves e Santos (2021), afirmam que, “apesar de tantas transformações significativas no ensino ao longo dos tempos, é comum ainda encontrarmos estudos evidenciando a prática de um ensino..., no molde tradicionalista e descontextualizado com o cotidiano dos alunos...”

A fraca produtividade (por conta da ausência de novas metodologias) no ensino da língua estrangeira - inglês, e a falta de proficiência no idioma, Segundo Rodrigues (2022), em muitos casos, são camuflados em currículos de profissionais que atestam possuir certo nível de proficiência no idioma, mas que, diante de uma simples entrevista, alcançam resultados que revelam níveis reais de domínio da língua muito abaixo do esperado...

Nesse sentido, é interessante propor um desafio às instituições - que se reflita, seriamente, sobre a questão ligada à contratação do capital humano: valorizar mais a nota do certificado/diploma? Ou fundamentalmente, valorizar o saber do profissional – ser; estar; conviver e fazer bem?

O exposto é notório nos dias atuais, deparando-se, com alunos desmotivados e desinteressados em assimilar os conteúdos ensinados nas aulas – em função de vários fatores e, um deles (em muitos casos) é a falta de dinamismo e criatividade por parte de quem ensina, por acomodar-se com aulas muito teóricas (rotineiras).

De facto, o empenho e dedicação dos alunos/estudantes à aprendizagem e, sobretudo,

das línguas estrangeiras, em particular da inglesa, conta e é muito necessário. Porém, o empenho, a dedicação e criatividade de quem ensina deve ser a dobrar, no sentido de estimular o interesse dos mesmos por meio de variadas atividades e dinâmicas em sala de aula. Tal como destaca Bezerra (2007) segundo Bezerra e Bezerra (2010), que a abordagem de ensinar do professor coage, muitas vezes, a manifestação da abordagem de aprender dos alunos.

Importa destacar que, quando o ensino é baseado simplesmente em teorias, sem práticas ou dinâmicas inovadoras, parafraseando Alves e Santos (2021), diante dessa realidade, os alunos se sentem desmotivados e desinteressados..., e com isso, os profissionais acabam - deixando de lado a importante formação do conhecimento científico dos estudantes e a correlação entre o conhecimento..., e o cotidiano do aluno nesse idioma.

Parafraseando Andrade et al (2016), nenhuma sala de aula é igual à outra, cabendo assim ao professor, primeiramente, analisar a turma, para depois testar os métodos que darão posteriores resultados referentes à aprendizagem dos alunos. Na mesma senda, para se ter a real ideia do que se defende, e, corroborando com Bezerra e Bezerra (2010) que apresentam, para esclarecer o abordado neste artigo, que:

- Um recém-nascido fica aos cuidados da mãe, sendo, na maioria das vezes, por ela amamentado e sem esforço recebe o seu alimento. Quando a criança cresce um pouco mais, a mesma (mãe) já começa a introduzir em sua alimentação algo que ela terá que mastigar, exigindo, dessa forma, um pouco de esforço para se alimentar.

- Depois (de um pouco crescida), a criança começa a selecionar o seu alimento, conforme o sabor que a agrada. Da mesma forma, e contextualizando, acredita-se que o estudante, ao entrar na escola é alimentado pelo professor, segundo os autores, como reflexivo-crítico e contribuinte na busca da aprendizagem autônoma de seus alunos, (Freire, 1982).

Alves e Santos (2021) defendem Weber (2016) destacando que, para que a construção do conhecimento seja significativa para o aluno, o mesmo, deve ter participação ativa no processo de ensino-aprendizagem. Ainda, parafraseiam Rodrigues et al (2019), realçando que, a realização de feiras escolares constitui uma prática pedagógica eficiente para despertar a curiosidade e interesse dos alunos, bem como para incentivar a pesquisa.

Nesta senda, o desenvolvimento de feiras podem ter o seu início em atividades práticas e cativantes em salas de aula, tendo em conta a contextualização do assunto a ser abordado. Assim sendo, para o cumprimento de alguns dos objetivos fundamentais dos documentos oficiais, segundo Angola, Ministério da educação – programa de inglês (2019), nomeadamente:

- Desenvolver competências básicas de comunicação;
- Aprofundar o conhecimento da sua própria realidade sociocultural, através do confronto com aspetos da cultura e da civilização dos povos de expressão inglesa.
- Experimentar as técnicas de diálogo, de troca de impressões, de entrevista e de debate;

Neste sentido, algumas dinâmicas e atividades que podem ser implementadas em salas de aula, podem ser: atividades ou dinâmicas de “self-introduction”; “introduce others”; “conversations two by two”; “training translator”; “dramatizations in the class”; “general knowledge”, só para citar estas.

Por exemplo, as atividades e dinâmicas acima destacadas (além de outras), em minhas aulas de língua inglesa como língua estrangeira, não faltam e, de facto, cativam o interesse dos alunos, levando-lhes à aprendizagem significativa.

Na visão de Brum (2015) citados por Mayara Rossi et al (2024), o ensino só será exitoso se a aprendizagem for exitosa..., se pode acrescentar invertendo as ideias - a aprendizagem só será exitosa se o ensino for exitoso.

Mayara Rossi et al (2024) defendem que, a aprendizagem significativa ocorre com a incorporação de conhecimento novo na estrutura cognitiva do estudante, e pode ser associado a um conhecimento prévio, relacionado e relevante, já existente nessa estrutura cognitiva, (Per Christian, 2012). Importa destacar (contextualizando) que, por exemplo, o aluno já incorporou o conhecimento teórico (de língua inglesa como língua estrangeira) e, precisa relacionar com a prática, a partir de atividades concretas e diversificadas que devem ser implementadas, durante as aulas pelos profissionais - por meio de suas habilidades e capacidades de inovação e criatividade.

IMPORTÂNCIA DA PRÁTICA DA ORALIDADE NA APRENDIZAGEM DE LÍNGUA INGLESA COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA

O ensino da gramática da língua inglesa enquanto língua estrangeira é muito importante, entretanto, limitar-se apenas a este ensino gramatical não é interessante e nem importante para o aluno/estudante, visto que tende a ser mais teórico, apesar de variar de metodologias a serem aplicadas pelos profissionais.

Tal como destacam Alódio et al (2020), nos dias actuais ainda há professores que – talvez por comodismo ou apenas por não saber como sair dessa “caixa” - se limitam apenas ao ensino da gramática em sala de aula, acarretando também limites no conhecimento do aluno. Segundo os autores, Comprometendo, de certa forma, sua competência comunicativa.

Concordando com Lima et al (2014), segundo Pantoja et. al (2024), o Inglês não é ensinado na sua totalidade, defendem que, se tem falhado no aspeto do desenvolvimento de habilidade da expressão oral. Pantoja et al, defendem que para os autores, isso carece de mais atenção, uma vez que é ela a responsável pela comunicação, tendo participação direta na habilidade da escuta.

Pantoja et al (2024), parafraseiam que, o ensino da linguagem oral durante as aulas de língua estrangeira é de extrema importância,

uma vez que, a maioria dos alunos não possui a oportunidade de estudar em cursos particulares especializados. Para tal, essa habilidade deve ser oferecida pelo professor no decorrer de suas aulas, sendo que, é direito dos educandos desenvolverem uma formação linguística de qualidade (Lima et al 2014).

Pantoja et al (2024), destacam que Rio (2018), em seu artigo, comenta que as novas tecnologias digitais ultrapassam as antigas limitações do passado quanto ao ensino-aprendizado de uma língua estrangeira. Apresenta que, as novas tecnologias abrem uma grande janela de possibilidades.

Defendem que, para o autor, há uma vantagem final no uso das tecnologias digitais no trabalho com a oralidade que é a possibilidade de as atividades serem feitas fora da sala de aula e dando suporte à uma nova era de aprendizado, não limitado a uma educação dentro dos muros da escola.

Neste sentido, os professores podem fazer o melhor uso possível das novas tecnologias para o ensino-aprendizagem da língua inglesa como língua estrangeira, tendo em conta as atividades práticas de oralidade como interpretação de músicas inglesas; declamação de poesias; assistência de vídeo-aulas; criação de grupos virtuais de interação nas redes sociais – para interagir com pessoas falantes do idioma a partir de seus países e não só.

Um exemplo a destacar, no princípio de sua carreira como docente, Duarte (2020) fundou o clube de conversação em língua inglesa para colocar os alunos numa interação permanente entre si. Para o autor, a oralidade/prática em língua inglesa quase que não é contemplada no ensino devido alguns fatores como, a carga horária reduzida da disciplina, heterogeneidade linguística do grupo, ausência de produção oral do idioma (não só nas aulas como também nas provas).

De igual modo, pode se incluir como outro fator o excesso número de alunos por turmas bem como várias turmas para se trabalhar no mesmo dia, o que de certa forma

influencia negativamente e pode atrasar o desenvolvimento do processo.

Durante sua trajetória em várias escolas de ensino médio, Duarte (2020), observou que, há insegurança por parte do professor de língua, em proporcionar a oralidade em sala de aula. Defende que, o processo mecânico de manipular regras gramaticais ainda se faz presente – nas metodologias de ensino de muitos profissionais.

Por exemplo, em minhas aulas de língua inglesa (com alunos do ensino médio), além de promover atividades interativas entre alunos, como: “self-introductions”; “talkings”; “debates”; “introduce others”; “speaking about a country”..., a cada ano lectivo, trabalho com os mesmos no sentido de – no primeiro trimestre, desenvolverem habilidades básicas de comunicação, partindo de conteúdos muito básicos e fundamentais, acima já expostos. Nesse mesmo trimestre, os alunos têm a liberdade para falarem português (língua oficial) a qualquer momento;

Já no segundo trimestre, os mesmos têm limitação em falar português durante as aulas. Obrigatoriamente, falam inglês (sabendo ou não). Apenas o professor tem a liberdade de explicar os conteúdos em língua portuguesa.

Diferente do primeiro e segundo trimestres, no terceiro, nem os alunos e tampouco o professor se comunicam em português, ou seja, até os conteúdos das aulas são explicados e clarificados na própria língua inglesa. Isto para poder incentivar e estimular o gosto e a sua aprendizagem.

Por exemplo, atividades como - “speaking about a country” ou similares, que consiste em:

- Os estudantes rifam um número de países que tanto podem ser de expressão inglesa ou não, correspondentes com o número de alunos por turma. Após as rifas serem realizadas, de forma individualizada, cada estudante vai investigar sobre aquele país, seus aspectos mais essenciais como cultura, sociedade, política, geografia, etc.

- Após uma ou duas semanas de preparação dessa dinâmica, chega o momento de exposição dos resultados na aula, porém em língua inglesa. Alguns dos objetivos dessa dinâmica – desenvolver habilidades e capacidades comunicativas entre os alunos e desenvolver a capacidade de compreensão e de expressão de mensagens orais.

Parafraseando, Duarte (2020) o desafio de expor os alunos à oralidade vai além de trabalhar com músicas em inglês ou com uma série de exercícios de “listening”. O desenvolvimento da habilidade oral não deve limitar-se a atividades individuais, nas quais o aluno desempenha papel passivo, mas sim na interação verbal. O indivíduo que sabe uma língua estrangeira normalmente não é chamado de “leitor da língua”, “escritor da língua”, ou até mesmo de “ouvinte da língua”, mas sim de “falante da língua”.

Desta feita, as aulas de língua inglesa devem ser motivadas por atividades e dinâmicas criativas e inovadoras, implementadas pelos profissionais, com vista a colocar os alunos em constantes intercâmbios entre si. E, o mais importante na aula deve consistir em dar a liberdade ao aluno para praticar a oralidade, quer individualmente, quer com seus colegas.

O ENSINO DA LÍNGUA INGLESA COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA: PARA QUEM ENSINAR? – FALANTES OU NÃO FALANTES

Como exemplo, o processo de ensino-aprendizagem de conteúdos de língua portuguesa, de forma geral, torna-se “facilitada” a sua transmissão e compreensão, pelo facto de se ter, no país, a própria língua portuguesa, como um instrumento de comunicação - oficial, de interação desde as Instituições Públicas e não só.

Desta feita, a língua portuguesa é um meio de interação oficial do dia-a-dia, para os países de expressão oficial. Onde, o ensino é realizado por meio da mesma. E, de forma inversa, também acontece com os países de expressão inglesa ou seja, o ensino é contextualizado, tendo em conta, a realidade do

instrumento de comunicação oficial do referido país, bem como as particularidades dos próprios alunos, tal como enfatiza um dos objetivos específicos do programa oficial desta disciplina, do Ministério da Educação (Angola):

Atender às necessidades individuais dos alunos - os alunos gostam e querem aprender, de facto, a se comunicarem entre si, e, com falantes da língua inglesa.

–Assim sendo, à quem e como, vamos ensinar os conteúdos de língua inglesa?

–A um aluno/estudante, já falante ou não falante da mesma?

As respostas à essas questões devem nos levar a desenvolver metodologias, procedimentos e técnicas diversificadas, para atendermos a cada caso de forma diferente, em função de suas particularidades ou necessidades individuais, defendidas pelo documento reitor do processo de ensino-aprendizagem, dessa língua enquanto disciplina escolar.

Para ensinar essa língua aos alunos, é importante que o professor desenvolva o bom senso nesse processo - no sentido de ver até que ponto deverá transmitir os conteúdos de língua inglesa como língua estrangeira, totalmente na mesma língua, ou totalmente na língua predominante, ou ainda, tendo como ponto de partida o 50%, com o propósito de facilitar a própria aprendizagem aos alunos e não dificultá-los (tal como muitos alunos defendem, atualmente).

Um elemento fundamental, igualmente, a se ter em conta é ensinar sobre a importância do que se aprende a nível da teoria, contextualizando na prática de quem aprende (o aluno).

ASPECTOS QUE TORNAM IMPORTANTE O ENSINO-APRENDIZAGEM DA LÍNGUA INGLESA (EM ANGOLA) COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA

Tal como defendido por Pontes e Ribeiro (2022), a língua inglesa vem se tornando, cada vez mais, um dos idiomas mais falados a nível do mundo, tendo em conta que a globalização tem contribuído bastante na sua expansão.

Acrescentam ainda que, nos dias atuais, aprender essa língua apesar de ainda ser um privilégio para poucos, já não é mais considerada como demonstração de “status”, mas sim como uma necessidade universal para a comunicação, para o mercado de trabalho e, conseqüentemente, para a expansão de fronteiras.

Como professores de língua inglesa, Pontes e Ribeiro (2022), destacam Jack Richards (2008) que apresenta que, devemos fazer uma sondagem em nossa sala de aula, para com isso, podermos saber qual a melhor forma que os nossos alunos conseguem aprender a língua alvo com mais facilidade e conforto.

Baseando-se dos programas oficiais desta disciplina:

1. A língua inglesa possui uma situação proeminente, dado ser a língua mais internacional, uma das línguas oficiais das Organizações das Nações Unidas e veículo de acesso à investigação e informação;
2. O ensino / aprendizagem desta língua reveste-se de particular importância em Angola, devido à posição geográfica deste país. Situando-se na África Austral, tendo como vizinhos, vários países de expressão inglesa;
3. Por outro lado, Angola é um dos países membros do organismo de desenvolvimento dos países da África Austral (SADC), cuja língua de trabalho é o inglês.

Só para se ter uma ideia, da real importância do ensino-aprendizagem da língua inglesa em Angola, o país faz parte como parceiro dessas instituições de nível internacional, de forma direta e indireta.

É fundamental estimular a aprendizagem da mesma aos alunos, através de várias atividades e dinâmicas cativantes.

Outra das razões para o ensino-aprendizagem da língua inglesa, em nosso contexto, é a influência da globalização, por meio das influências interativas com outros países e, de expressão. Só para citar, como exemplo, de acordo com a Embaixada da República de Angola nos Estados Unidos da América, Angola recebeu em Dezembro último de 2024, para uma visita de

Estado de 72 horas – o Presidente norte-americano, Joe Biden. Disponível em <https://angola.org/presidente-joe-biden>

Com o exposto, imaginemos o grande grupo de seus auxiliares que o acompanhou!

Dizer que, a interação com todos eles foi por meio da língua inglesa, naturalmente. Angola é um país muito rico, além de recursos humanos, é bastante rico também em diversos recursos naturais, que até aos dias de hoje continuam a atrair vários Estados bem como, empresários de diversos países. Desta feita, é importante evoluirmos com o ensino-aprendizagem da língua inglesa, quer nas escolas públicas, e, ou, privadas, quer de forma particularizada, em centros de formação profissionais ou mesmo, simplesmente, a partir de casa – contratando alguém para ensinar.

Pelo menos, as sugestões metodológicas defendidas pelo programa acima destacado, são claras, pois que, enfatizam o real papel do professor no processo de ensino-aprendizagem desta língua estrangeira enquanto disciplina. Onde o mesmo deverá:

- Situar-se como um facilitador das aprendizagens dos alunos;
- Tentar adequar o processo de ensino-aprendizagem à situação e necessidades reais dos alunos;
- Permanecer numa contínua posição de diagnóstico dos processos operacionais;
- Tentar remediar as dificuldades de aprendizagem através de estratégias diversificadas e de material adequado à faixa etária e aos interesses socioculturais dos alunos;
- Provocar a crescente autonomia do aprendente;
- Atender às suas necessidades individuais (de aprendizagem);
- Promover o desenvolvimento integrado e equilibrado das quatro habilidades: ouvir, falar, ler e escrever.

Portanto, para impulsionar positivamente o ensino-aprendizagem da língua inglesa como língua estrangeira, valoriza-se a 2ª edição da feira de língua inglesa realizada numa das escolas da sede capital do Cuito-Bié/Angola,

Complexo Escolar Nº65 Nossa Senhora da Paz, como um projeto pedagógico que deve ser incentivado e promovido dentro do processo de ensino-aprendizagem.

O mesmo projeto teve comovisão -Inclusão de outras instituições de ensino e a participação de pais e encarregados de educação dos alunos em eventos escolares. A segunda edição da feira destacou-se com os seguintes objetivos gerais:

- Despertar, promover e desenvolver o gosto e o interesse dos alunos, pela aprendizagem da língua inglesa, através de apresentações\exposições dos alunos participantes;
- Desenvolver competências básicas de comunicação na língua inglesa, entre os alunos, por meio de interações;
- Demonstrar habilidades desenvolvidas ao longo do ano letivo e das preparações da feira;
- Trocar experiências entre alunos e instituições participantes;
- Promover a inclusão e participação dos pais e encarregados de educação dos alunos em atividades escolares, em particular na feira de língua inglesa.

Este projeto teve como proposta de atividades e dinâmicas desenvolvidas pelos alunos e professores bem como pais e encarregados de educação - a realização de rifas pelos alunos, nomeadamente:

1. Dinâmicas de entrevistas e debates – “english development in our schools” (mesa redonda com professores e convidados: pais e encarregados participantes, em 15-20 minutos);
2. Comissão - para exposição de cartazes com informações úteis em língua inglesa (estudantes do Magistério: 11ª. e 12ª. classes - decoração do local da feira – auditório da escola);
3. Comissão para criação de um jornal escolar (alunos do 1º Ciclo – 7ª., 8ª. e 9ª. classes);
4. Comissão para organização do grupo coral para a música inglesa de abertura e de encerramento – estudantes do Magistério;
5. Comissão de protocolo (estudantes do Magistério local);
6. Declamação de poesias em inglês (ou

sobre a língua inglesa) no total de cinco – alunos do 1º Ciclo;

7. Dinâmicas de autoapresentação (em inglês) - um representante por turma e por instituição participante, seguido do seu intérprete;
8. Dinâmicas de exposição da cultura local, por meio de música, poesias, danças e desfile de traje local, tradicional (estudantes do Magistério);
9. Dinâmicas de entrevistas em inglês (alunos do Magistério);
10. Dramatização sobre a importância da Língua Inglesa (envolvendo reportagens – estudantes do Magistério);
11. Interpretação musical de artistas de expressão inglesa (ao vivo, por turma – estudantes do Magistério) – valorização da melhor interpretação;
12. Dinâmicas recreativas envolvendo familiares dos alunos (a critério dos familiares participantes – Magistério);
13. Comissão para organização do desfile de traje africano (angolano);
14. Comissão para organização de exposições de obras de arte (com todas as turmas);
15. Conversações em inglês, em pequenos grupos (2-3 alunos – turmas do 1º Ciclo);
16. Dinâmicas de redação e composição de textos escritos e suas leituras, no quadro (por turmas do Magistério – um representante cada).

As instituições convidadas ao evento, apresentaram suas dinâmicas de língua inglesa, para troca de experiências a nível das apresentações em palco. Em função do local (espaço) acolhedor do evento, cada Instituição convidada, se fez presente com até 15 estudantes representantes ao máximo.

Local e data da realização do evento:

–Auditório da escola promotora: sendo que o mesmo foi decorado com cartazes, contendo informações úteis em língua inglesa, produzidos pelos próprios alunos.

–Realização da feira - terceiro trimestre do ano letivo 2024/2025;

–Com a duração de 07 (sete) horas, do período da manhã ao período da tarde.

CONTEXTO EM QUE SE REALIZOU A 2ª EDIÇÃO DA FEIRA DE LÍNGUA INGLESA:

Complexo Escolar N.º.65 “Nossa Senhora da Paz” - São José de Cluny. Localizado no Município do Cuito, Bié/Angola - na Avenida Sagrada Esperança - a norte; rua Francisco Leite Cardoso - a Sul; rua Raimundo Serrão - a Leste, e, Oeste - rua Padre Fidalgo.

O referido complexo escolar, actualmente, conta com o ensino pré-escolar (centro infantil); ensino primário; I.º. Ciclo do ensino secundário e o II.º ciclo (Magistério Primário – em fase de descontinuidade).

METODOLOGIA RECORRIDA

Referenciando Marconi e Lakatos (1999), nos trabalhos de Silva (2015), os critérios para a classificação dos tipos de pesquisa variam, e a divisão obedece a interesses, condições, campos, metodologia, situações, objetivos, objetos de estudo, etc.

Desta feita, para o alcance deste, metodologicamente optou-se pela revisão bibliográfica que segundo, Cesário et.al (2020), fundamenta-se com base em material que já fora construído, o que inclui artigos científicos publicados em periódicos académicos, (Praia et al, 2002). Na sequência da revisão da bibliografia, seguiu-se a sintetização dos conteúdos fundamentais encontrados.

Neste sentido, considera-se esta, uma pesquisa qualitativa que, segundo Zanella (2006, p. 99) citado por (Silva, 2015):

“Preocupa-se em conhecer a realidade segundo a perspectiva dos sujeitos participantes da pesquisa, sem medir ou utilizar elementos estatísticos para análise dos dados. O método qualitativo para Zanella, não é empregado quando o pesquisador quer saber quantas pessoas têm preferência por um produto, portanto, não é projetado para coletar resultados quantificáveis”.

Com o exposto, anteriormente, é possível se ter uma ideia clara sobre o que se realizou, de facto, com a utilização da pesquisa qualitativa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

É notória a importância que dão, diversos autores no desenvolvimento do ensino da língua inglesa como língua estrangeira, partindo de atividades e ou dinâmicas práticas e concretas que devem ser promovidas e incentivadas pelos professores, em suas aulas. Referir que, há uma unanimidade na linha de pensamento de muitos deles.

E, Concordando com Alódio et.al (2020), apresentam que, em relação à metodologia de ensino de Língua Inglesa, muito se discute sobre o impacto desta no desempenho escolar. Defendem ser evidente a relação diretamente proporcional entre motivação e desempenho escolar, o que consequentemente, implica dizer que a falta de motivação no processo de aprendizagem de Inglês pode gerar um desempenho escolar insatisfatório.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No entanto, é um facto, que toda gente gostaria de aprender a língua inglesa enquanto uma língua estrangeira. E, nos dias de hoje, sobretudo, por conta da aceleração do processo de globalização, onde cada dia que passa podemos nos encontrar em situações específicas que envolvam a língua inglesa. Como por exemplo, para conseguir um novo emprego pode haver a exigência do domínio básico da língua inglesa; as informações trazidas por variados tipos de fármacos; nas investigações científicas – muitos bons conteúdos aparecem na língua inglesa; na aquisição de uma bolsa de estudo para o exterior, além de outras situações.

É importante e necessário que o seu ensino, nas escolas seja uma realidade significativa para quem aprende, envolvendo variadas técnicas e estratégias que coloquem quem aprende no centro do processo, com base em situações reais e práticas, durante as aulas.

É fundamental inovar e fazer diferente do que se faz, com vista a autossuperação a cada dia e momento, tendo em conta os contextos e as necessidades dos alunos (aprender de facto).

O ensino-aprendizagem de línguas (em particular a inglesa) deve ser contextualizado de acordo às necessidades de aprendizagem dos alunos e, sobretudo, partindo das classes iniciais do ensino primário, isto é, para que o aluno, do ensino médio em diante (nesses níveis de ensino), não tenha muitas debilidades, no que a língua inglesa diz respeito, como nos dias de hoje.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALÓDIO, Ana Beatriz D'Albuquerque; DINIZ, JÚNIOR, Língua inglesa em salas de aula: Feira cultural como atividade de conscientização e motivação para alunos aprendentes do idioma. Disponível em: ALÓDIO, Ana Beatriz D'Albuquerque; DINIZ, Elza & JÚNIOR, José Maria De Aguiar Sarinho. Língua inglesa em salas de aula: Feira cultural como atividade de conscientização e motivação para alunos aprendentes do idioma. Disponível em: https://www.poisson.com.br/livros/serie_educar/volume7/Educar_vol7.pdf, 2020.

ALVES, Thiago Rodrigues de Sá; SANTOS, Alda Ernestina dos. A importância das feiras de ciências na educação e alfabetização científica: um relato de experiência com alunos da Educação Básica. Revista Educação Pública, v. 21, nº 9, 16 de março de 2021. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/21/9/a-importancia-das-feiras-de-ciencias-na-educacao-e-alfabetizacao-cientifica-um-relato-de-experiencia-com-alunos-da-educacao-basica>

ANDRADE, Camila Daniela de Souza de; CAMARGO, Maria Cristina de Lara Duarte de & KEPP, Marcos Antônio. Estratégias e métodos para o ensino de vocabulário em língua Inglesa, 2016. Disponível em <https://pt.scribd.com/document/872637258/Ensino-Vocabulario-Lingua-Inglesa> ANGOLA. Ministério da Educação. Programa de Inglês, 2019.

ANGOLA. Ministério da Educação. Programa de Língua Inglesa - Formação de professores para o pré-escolar e para o ensino primário (10^a. 11^a. 12^a. Classes), 2013.

ANGOLA. Embaixada da República de Angola nos Estados Unidos da América, 2024. Acesso: <https://angola.org/presidente-joe-biden>

BEZERRA, Daniela de Souza & BEZERRA, Leandro Silva. Professores de línguas em formação: sob a égide dos Formadores e do livro didático, 2010.

CESÁRIO, Jonas Magno dos Santos; FLAUZINO, Victor Hugo de Paula & MEJIA, Judith Victoria Castillo. Metodologia científica: Principais tipos de pesquisas e suas características. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano 05, Ed. 11, Vol. 05, pp. 23-33. Novembro de 2020. ISSN: 2448-0959, Link de acesso: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/tipos-depesquisas>

DUARTE, Ewerton Batista. English Conversation Club - Projeto Experimental com Estudantes de Ensino Médio. Revista Educação Pública, v. 20, nº 48, 15 de dezembro de 2020. Acesso: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/20/48/english-conversation-club-projeto-experimental-com-estudantes-de-ensino-medio>

FONSECA, Carlos Ventura & HESSE, Fernanda Bianca.

Propostas didáticas e práticas pedagógicas na educação básica: revisão da literatura da área de ensino de ciências naturais. Experiências em Ensino de Ciências V.16, N.3, 2021.

OLIVEIRA, Beatriz. Competência pragmática em aula de língua estrangeira: sistematização conceitual, 2024. Acesso em https://www.researchgate.net/publication/384066273_Competencia_pragmatica_em_aula_de_lingua_a_estrangeira_sistematizacao_conceptual

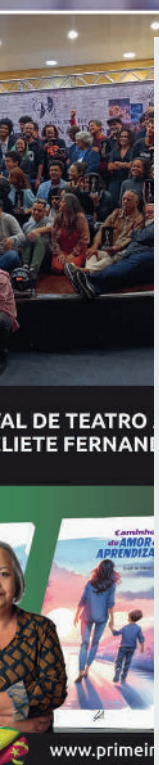
PAIVA, Geraldo Rodrigues de. Sequência didática em aulas de Língua Inglesa: uma abordagem no 7º ano do Ensino Fundamental. Revista Educação Pública, v. 20, nº 5, 4 de fevereiro de 2020. Acesso em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/20/5/sequencia-didatica-em-aulas-de-lingua-inglesa-uma-abordagem-no-7-ano-do-ensino-fundamental>

PANTOJA, Lucilane Narciso; ESPÍRITO SANTO, André Cotelli do; SIQUEIRA, Ana Paula Legey de; MÓL, Antônio Carlos de Abreu. A prática da oralidade da língua inglesa no Ensino Médio com o uso das novas tecnologias digitais. Revista Educação Pública, Rio de Janeiro, v. 24, nº 39, 22 de outubro de 2024. Acesso: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/24/39/a-pratica-da-oralidade-da-lingua-inglesa-no-ensino-medio-com-o-uso-das-novas-tecnologias-digitais>

PONTES, Francisco Edinaldo de; RIBEIRO, Josanille Glenda do Nascimento. Speak out: um estudo sobre o ensino-aprendizagem da habilidade oral da língua inglesa na educação básica. Editora e-Publicar – Educação em transformação: práxis, mediações, conhecimento e pesquisas múltiplas, Volume 3, 2022.

RODRIGUES, Felipe de Araujo. A importância do ensino de Língua Inglesa nas escolas brasileiras: uma proposta de reformulação das diretrizes institucionais e dos conteúdos. Revista Educação Pública, Rio de Janeiro, v. 22, nº 1, 11 de janeiro de 2022. Acesso: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/22/1/a-importancia-do-ensino-de-lingua-inglesa-nas-escolas-brasileiras-uma-proposta-de-reformulacao-das-diretrizes-institucionais-e-dos-conteudos>

ROSSI, Mayara; FELIPE, Alessandro Bueno; BARROS, Bruna Nunes; VIANA, Gleziane Soares; MARCELINO, Juliana Aparecida Reis; AMORIM, Juscilene Dias; FERRAZ, Lucinete Dias; SILVA, Rosana Magalhães da; SOUZA Solange de Lima; SILVA, Terezinha de Fátima Brandt da; WEIS, Vagner Batista; SILVA, Wagner Mendes da. Metodologia da Pesquisa. Segunda edição revisada, 2024. Acesso: <https://pt.scribd.com/document/543176091/4444>, 2024.



<https://doi.org/10.52078/issn2675-2573.rpe.60>



COORDENAÇÃO:
Prof. Dr. Manuel Francisco Neto
Profa. Ma. Maria Mbuanda Caneca Gunza Francisco
Profa. Esp. Vilma Maria da Silva

AUTORES(AS):

- Ana Maria Dainauskas Soares
- Angélica Rodrigues Valentin
- Angelina de Fátima Chitundo Estêvão Yopilo
- Áurea Carvalho de Souza
- Daniel Pedro José
- Daniela dos Santos Magalhães
- Domingos Elias Sachico
- Domingos Fernando Cassuende Lucunde
- Dorivaldo da Graça Guedes Tavares e Edmilson dos Prazeres da Silva
- Edson Maria Sebastião Jorge
- Elisete Vicente da Silva Oliveira
- Estevão Quixina Cassule
- Eunice Muansa Mueshi
- Feliciana da Cruz Vicente Manuel
- Fernando Sanji
- Fortuna Neto Figueiredo Vitangui
- Girlene Nascimento da Silva Mantovani
- Ingrid da Silva Cavalcante de Paula
- Joaquim Pereira Bravo
- José Campos Kifuba
- Juliana da Silva Oliveira
- Luzinete Bispo dos Santos
- Manuel Esteves Mutalo Coa
- Manuel Ligas António
- Maria Aparecida Armandilha Nunes
- Marcelo Santos de Mascarenhas
- Maria Mvú André Dondo
- Mariangela de Jesus Chagas
- Mirella Clerici
- Nelito António
- Patrícia Mendes Cavalcante de Souza
- Silvia Harue Yogui
- Solange Aparecida Silva
- Suellen Vidal Araújo da Silva
- Sylas Ivan Rizzo Tudech
- Tânia Maria Pereira Castro
- Tháís Maranhão Pereira Rodrigues
- Vanessa Fernandes Leandro de Assunção
- Viviane Marcia Santos de Mascarenhas

Indexadores:



Parceiros:



Filiada à:



Produzida exclusivamente com utilização de softwares livres

